

## A FORMAÇÃO DOCENTE E O ENSINO DE PLE

Mariana Lins Escarpinete (UFPB)

[mariana\\_escarpinete@hotmail.com](mailto:mariana_escarpinete@hotmail.com)

### INTRODUÇÃO

Considerando a crescente visibilidade que a Língua Portuguesa vem ganhando no contexto internacional, o seguinte trabalho foi desenvolvido, destinando-se, portanto, a apresentar um breve histórico do cenário atual do Ensino de Português como Língua Estrangeira, doravante PLE, bem como sua trajetória de evolução e desenvolvimento no âmbito nacional e internacional, destacando-se, por fim, a necessidade de se refletir, dentro das universidades, as possibilidades de formação deste profissional docente.

Nossa discussão é suscitada a partir do incontestável crescimento na demanda de aquisição do Português em sua vertente estrangeirizada, não se restringindo ao aspecto de ser uma Língua Estrangeira aprendida em outro país, mas como uma Língua Estrangeira aprendida no país da Língua alvo - sem deixar de destacar o fato da sua aquisição enquanto Língua de Herança (PLH)- dado o número de estrangeiros que escolhem o Brasil para atuação acadêmica ou profissional.

O Brasil, portanto, tem sido celeiro de globalização, cujo potencial econômico e visibilidade externa tem atraído um número significativo de multinacionais e transnacionais, fixando-se e trazendo consigo mão-de-obra a ser “treinada”, não somente em termos mercantis, mas culturais/comunicacionais. Desse modo, tal “prestígio” de procura denota o desenvolvimento na oferta do ensino de PLE, contudo sob uma perspectiva diferente, já que há o elemento da imersão. Logo, a aquisição ganha um novo sentido para o aprendente, e uma nova metodologia/abordagem deve ser abordada pelo professor. É fácil quantificar o posto quando analisamos a progressiva busca pela aquisição do certificado de proficiência em PLE, o Celpe-Bras. Tal exame foi elemento fundamental para a expansão da Língua Portuguesa pelo mundo, uma vez da sua credibilidade e caráter interacional – especificamente comunicacional – na avaliação propriamente dita.

O presente artigo embasa-se nas reflexões de José Carlos Paes Almeida Filho (2011), (1997), Maria Jandyra Cavalcanti Cunha (2007), Ana Lucia Cury Lico (2011), entre outros, cujas ideias versam sobre tal prática docente, traçando o perfil histórico e sequente desenvolvimento do Português como uma Língua Estrangeira em ascensão. Assim, nesse contexto, objetivamos pensar sobre a importância de uma formação docente eficaz e abrangente, em que o professor possa desempenhar seu papel docente de modo efetivo, respaldado por metodologias que promovam a aquisição da língua de modo interacional, através de uma abordagem pertinente ao caráter do Ensino de Português como Língua Estrangeira (EPL), a saber, o método/abordagem comunicativo, conforme expõe Lúcia Gonçalves Freitas (2009), garantindo, portanto, a qualificação do docente em PLE.

## 1. O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: BREVES CONSIDERAÇÕES

O contexto atual do Ensino de Língua Estrangeira no Brasil, no que diz respeito à estrutura curricular e às práticas metodológicas, resulta de um longo percurso histórico. Desse modo, faz-se necessário traçar um panorama deste quadro histórico<sup>1</sup>, a fim de esclarecer como se desenvolveu o ensino de Língua Estrangeira (LE) e, conseqüentemente, o ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE).

A primeira Língua Estrangeira a ser ensinada no Brasil foi o próprio Português, uma vez da chegada dos colonizadores, quando os Jesuítas iniciaram o processo de “aculturação” dos povos indígenas encontrados. Ao passo que os “conquistadores” ganhavam terreno, a língua indígena Tupi perdia seu status de língua oficial, passando a Língua Portuguesa a assumir este papel, visando, para tanto, ao enfraquecimento do poderio católico à valoração do Estado. Dessa forma, a língua portuguesa, então estrangeira na província, consolida-se como Língua Materna.

No tocante ao ensino de uma Língua dita Estrangeira, em 1808, com a chegada da família Real, o Francês (apesar de já ter tido anteriormente o status de LE – ensinado apenas nas escolas militares -) e o Inglês ganham destaque e são introduzidos oficialmente no currículo. Com a Proclamação da República, o Inglês e o Alemão tornam-se opcionais nos currículos escolares, passando a obrigatórias posteriormente.

Na Reforma Capanema, durante o governo de Getúlio Vargas (1882-1954), o Latim, Francês e Inglês já eram matérias presentes no antigo Ginásio (*equivalente ao atual Ensino Fundamental II*). No Colegial (*equivalente ao atual Ensino Médio*), as duas últimas continuavam, mas o Espanhol substituiu o Latim. (<http://www.helb.org.br/> – grifos meus).

Com a criação, em 1961, da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), perde-se a obrigatoriedade de ensino de LE's no Colegial, além de tornarem-se, também, opcionais no Ginásio, contudo, com a nova resolução de 1976 da LDB, esse quadro se inverte, havendo, portanto, um resgate do ensino de Línguas Estrangeiras Modernas nas escolas. A última resolução da Lei de Diretrizes e Bases de 1996, “tornou o ensino de Línguas obrigatório a partir da 5ª série. No Ensino Médio, seria incluída uma língua estrangeira moderna, escolhida pela comunidade, e uma segunda opcional” (<http://www.helb.org.br/>).

Sendo assim, com a LDB e as suas posteriores resoluções, bem como com a publicação, em 1998, dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 5ª a 8ª série, deu-se início a uma gama de discussões e reflexões sobre metodologias e abordagens de ensino de LE, a fim de tornar tal ensino efetivo e significativo. A preocupação era com a adequada “transferência” dessa outra língua, considerando, para tanto, que sua aprendizagem é essencial para que o aluno estabeleça comunicação em diferentes situações. Esse breve relato histórico serve de definição do que encontramos hoje no

---

1 (FONTE: HISTÓRIA DO ENSINO DE LÍNGUAS NO BRASIL - PROJETO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA in <http://www.helb.org.br/> )

contexto de ensino de Língua Estrangeira, contudo faz-se necessário levantar igual quadro de contexto de ensino de Português nessa vertente estrangeira. A partir daí, ficará mais claro entendermos o porquê da necessidade destacada nesse artigo sobre a formação docente na área de Português como Língua Estrangeira (PLE).

## **2. Breve histórico do ensino de PLE<sup>1</sup>:**

A partir dos anos 60, em todo o mundo, principalmente no Brasil, iniciou-se uma atmosfera de ensino de Português nos moldes do ensino de Língua Estrangeira. Contudo, muito antes, já em 1940, era possível identificar um marco importante na “expansão” do Ensino de PLE, doravante EPLE, com a criação do Centro de Estudos Brasileiros – iniciado pelo Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro (INCUB). Depois disso, muito foi realizado, principalmente com o advento da Linguística Aplicada no Brasil. Em 1956, houve a publicação, em Porto Alegre, de “O ensino de Português para Estrangeiros”, assinada por Mercedes Marchandt, cuja escrita versa sobre sua experiência no ensino de PLE na Universidade Católica. Outras muitas publicações na área foram efetivando essa vertente de ensino de Língua agora com adequação aos moldes de ensino de Língua Estrangeira. A partir dos anos 2000, muitos outros centros foram criados, com um contingente discente bastante significativo. Um episódio de significativa ascensão do EPLE foi em 2008, na Argentina, quando o Congresso Nacional aprovou uma lei que conferia como obrigatório na grade curricular o ensino da Língua Portuguesa como língua estrangeira, desde o nível primário, nas escolas argentinas fronteiriças com o Brasil.

Outra grande “criação” favoreceu significativamente o desenvolvimento e a solidificação de uma linha de atuação e pesquisa em PLE nas universidades federais. A Sociedade Internacional Português/Língua Estrangeira, SIPLE, criada em 1992, na reunião de professores de Língua Estrangeira e de Português em um Congresso de Linguística Aplicada na Unicamp. Nesta ocasião, refletiu-se acerca da necessidade de se estabelecer um grupo de estudos e direcionamentos para o Ensino de Português como Língua Estrangeira, o que resultou na efetivação de um grupo composto, exclusivamente, de pesquisadores da UNICAMP, uma vez da iniciativa e originalidade da ideia. Desde então, o PLE começou a ganhar destaque nos eventos internacionais sobre o Ensino e LE, fortalecendo, dessa forma, a emergente pesquisa na área e suas consequências na perspectiva de ensino-aprendizagem, com suas peculiaridades e desafios. Com a SIPLE, algumas orientações para o ensino foram traçadas, bem como a crescente divulgação do PLE, uma vez do I Seminário SIPLE, realizado em 1994 na UNICAMP, tendo como tema central “O Interculturalismo no Ensino de Português Língua Estrangeira”.

O Seminário contou com a presença de 160 participantes de universidades brasileiras, Centros de Estudos Brasileiros e universidades estrangeiras como: Universidade Clássica de Lisboa, Universidade Autônoma do México, Universidade Nacional de Rosário – Argentina, entre outras, além de representante do Instituto Camões de Lisboa, bem como representante do Ministério da Cultura e do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Os objetivos do Seminário foram plenamente alcançados através dos inúmeros trabalhos apresentados nas conferências, mesas-redondas e comunicações, mostrando o vigor da área e expondo a variedade da pesquisa e as mudanças paradigmáticas no processo de

ensino-aprendizagem de PLE no Brasil e no exterior. Esse evento se constituiu num marco histórico, na medida em que foi o 1º. evento solo na área de Português Língua Estrangeira. (FILHO, 2010. Ano 1. Número 1)

A partir daí, outros eventos foram desenvolvidos com o intuito de se refletir sobre o papel da Linguística enquanto ciência Aplicada (considerando tal direcionamento) na fomentação do ensino, mas o de Língua Estrangeira, que, por sua vez, não se colocava numa posição de destaque na linha de pesquisa. Desse modo, fica perceptível a consolidação da SIPLÉ e sua atuação decisiva na expansão dessa área de atuação docente, bem como com vias ao aprimoramento acadêmico do professor de PLE, através do constante investimento na formação continuada.

Contudo, o ápice do olhar sobre o Ensino de Português como Língua Estrangeira deu-se em 1993 com a criação, pelo MEC, do exame de Proficiência em Português, CELPE-Bras, cuja notoriedade fê-lo abrangente, sendo hoje aplicado em 28 países, além do próprio Brasil. Desse modo, é de extrema importância destacar a relevância desse exame para a expansão do EPLE através de uma breve descrição do seu desenvolvimento metodológico, bem como as perspectivas de Língua que o subjazem.

### **3. CELPE-Bras: um “modelo” eficiente**

O Exame de Proficiência em Língua Portuguesa (Celpe-Bras) foi desenvolvido e concedido pelo Ministério da Educação (MEC), aplicado no Brasil e em outros países pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), com o apoio do Ministério das Relações Exteriores (MRE). O Celpe-Bras é o único certificado de proficiência em português como língua estrangeira reconhecido oficialmente pelo governo do Brasil, configurando-se, também, como o único documento oficial como comprovação da competência na língua portuguesa aceito internacionalmente em empresas e instituições de ensino. No Brasil, é exigido pelas universidades para ingresso em cursos de graduação e em programas de pós-graduação, bem como para validação de diplomas de profissionais estrangeiros que pretendem trabalhar no país. Algumas entidades de classe exigem o Celpe-Bras para inscrição profissional, a exemplo do Conselho Federal de Medicina (CFM), que exige esse certificado dos médicos estrangeiros para inscrição nos Conselhos Regionais de Medicina (CRM). É conferido em quatro níveis: intermediário, intermediário superior, avançado e avançado superior. É fundamental ressaltar que o exame não é um diploma para interessados em dar aulas de Português para falantes de outras línguas, uma vez que essa função prevê habilidades e competências não avaliadas na prova. Destina-se a cidadãos estrangeiros e brasileiros cuja língua materna não seja o português.

Diferentemente dos exames de proficiência que testam em separado as quatro habilidades (compreensão oral, compreensão escrita, produção oral e produção escrita), o Celpe-Bras avalia esses elementos de forma integrada, ou seja, como ocorrem em situações reais de comunicação. Em uma interação face a face, geralmente estão envolvidos a produção e a compreensão oral. Em outras atividades podem estar em jogo três componentes, por exemplo, quando falamos ao telefone, também ouvimos e podemos precisar anotar um recado. No Exame, essa integração de componentes é obtida por meio de tarefas.

[http://download.inep.gov.br/outras\\_acoes/celpe\\_bras/manual/2012/m anual\\_examinando\\_celpebras.pdf](http://download.inep.gov.br/outras_acoes/celpe_bras/manual/2012/m anual_examinando_celpebras.pdf)

Considerando-se todos esses elementos metodológicos e pedagógicos que cerceiam o exame, sua composição denota, para a abordagem da Língua alvo, o caráter comunicacional, uma vez da incessante preocupação com os aspectos textuais de gênero nas suas diversas possibilidades de utilização. Desse modo, a prova consiste em dois momentos. Inicialmente, faz-se a prova escrita, na qual se exige a produção de quatro diferentes gêneros textuais, a serem desenvolvidos a partir de textos dados.

De modo mais específico, o exame se desenvolve em 2 (dois) grandes momentos, a saber, uma parte escrita e outra oral. No exame escrito, há 4 (quatro) solicitações de produção textual a partir de 4 instrumentos de compreensão. Logo, o aluno deve escrever 4 textos de acordo com uma solicitação de gêneros específicos, iniciando com a observação de um vídeo que servirá de matéria base para a primeira solicitação/produção; passando pela escuta de áudio também fomentador de outra solicitação/produção; finalizando, portanto, este primeiro momento do Celpe-Bras, com a leitura de 2 textos com o mesmo intuito de promover duas solicitações/produções (cf. anexos 3, 4, 5, 6, 7 e 8).

O segundo momento é de caráter oral. Logo a “conversação espontânea” ganha foco de observação. Esta se processa através de uma conversa instaurada pelo professor avaliador, no tempo máximo de vinte minutos, em torno do chamado “elemento provocador” (cf. anexo 1). O professor escolhe até três elementos – os quais possibilitam o diálogo, uma vez da sua temática ser de cunho jornalístico, ou literário, ou propagandístico, ou de qualquer outra esfera de temática que sugere um posicionamento do leitor/espectador. Esses elementos vão, através de perguntas incentivadoras do diálogo, materializando um contexto de discussão, conversa, seguindo, como guia, um “roteiro de interação face-a-face” (cf. anexo 2). Dessa forma, o pretendente ao título de proficiente mostra aspectos próprios da oralidade em curso, tais como, Compreensão, Competência Interacional, Fluência, Adequação Lexical e Adequação Gramatical. Aspectos esses que devem ser observados no momento da desenvoltura do estrangeiro quando do diálogo suscitado.

Através desta metodologia relatada, fica evidente a preocupação com o processo de avaliar, de mensurar a eficácia da interação dos alunos, portanto, abstraímos muito facilmente aspectos da teoria de Gêneros Textuais refletida à luz da teoria interacionista da aquisição da Língua.

O Interacionismo Sócio Discursivo (ISD) reúne, em seu campo de atuação, a psicologia, a linguística e a sociologia, sendo, portanto, considerada “uma corrente da ciência do humano” Bronckart (2006). É uma linha de estudos não finalizada, ou seja, apresenta-se em incessante fase de formação, passando do texto como objeto de análise para se dividir, atualmente, em duas vertentes de investigação: uma, sob orientação de Schneuwly, que analisa as ações docentes em sala de aula e desenvolve sequências didáticas para auxiliar os professores na prática – possibilitando um maior êxito na “transmissão” das informações a serem apreendidas; e a outra, orientada por Bronckart, que tem seu olhar para a “morfogênese das ações em diferentes situações sociais”.

O ISD também recebe influência de Vygotsky e Bakhtin com a noção de práticas de linguagem e de Habermas com a teoria do agir comunicativo, onde as atividades de linguagem são realizadas a partir da representação de três mundos (o

objetivo: relativo aos parâmetros do ambiente, às informações da situação comunicacional; o social: relativo à organização da tarefa orientada por normas que também podem ser entendidas como a estruturação do texto regida por regras socialmente implantadas, gêneros textuais; e o subjetivo: relativo ao conhecimento individual fruto das experiências vividas e da própria representação do mundo exterior). Dessa forma, entende-se que o texto se articula com ações não-verbais e que é somente através dessa abrangência da atividade de produção textual que o processo de ensino-aprendizagem se realiza de forma eficiente e significativa, construindo, pois, um texto empírico (com funcionalidade, que tenha um interlocutor real e que esteja dentro de uma situação comunicativa concreta) o qual o aluno vai se envolver e perceber o sentido de seu fazer linguístico. Observa-se, então, que a ação de linguagem implica, por parte do produtor de textos, uma gama de conhecimentos que vão desde o contexto social e físico onde irá agir, até o conteúdo temático e o estatuto de agente (intenções, capacidade de ação). Isso tudo vai influir na forma como o texto será elaborado, tanto em relação aos mecanismos de enunciação e textualização, quanto à composição interna do mesmo.

Percebe-se, enfim, que a linguagem é compreendida como um fenômeno social, construída ao longo do tempo na interação entre as pessoas e que só existe porque há necessidade dessa comunicação interpessoal. Como surge a perspectiva de interação social, devemos responsabilizá-la pela aprendizagem também e esse mesmo pressuposto norteia a aquisição da escrita no âmbito escolar. Sendo assim, a escrita é como um lócus de interação/interlocutor, em que o produtor textual prima pela interação com o interlocutor vistas a alcançar um objetivo, a saber, a aprendizagem.

Logo:

[...] Para que o aluno aprenda a escrever é necessário que ele, de fato, escreva e que as situações de escrita sejam constantes e variadas. Quanto mais o aluno escreve, quanto mais analisa o próprio texto, quanto mais produz textos para atingir diferentes objetivos em diferentes situações, mais ele pode ampliar suas habilidades de texto escrito. (Evangelista, 1998, p.119 apud Evandro Leite, 2008)

Essa concepção embasa toda a estrutura do exame de proficiência em PLE, valorando de forma efetiva a prática da produção de textos – sendo esses dotados de sentido, uma vez da sua apropriação contextual de utilização – enquadrados em uma esfera social de comunicação, perpassando o nível da escrita e fala e de todas as competências comunicacionais envolvidas nesse trajeto. Esse é o ponto mais contundente para a prática de ensino de Português como Língua Estrangeira. Não adianta desenvolver uma metodologia de ensino de conteúdos a fim de considerar, apenas e exclusivamente, o aluno, no caso o estrangeiro, como “criança” na língua; como aquele vazio de linguagem, cuja aquisição deva ser da forma mais segmentada possível. O aprendente já possui uma bagagem de conhecimento de sua própria língua que deve ser utilizado como “mão-de-obra”, instrumento para o desenvolvimento dessa linguagem em outra língua. Nada consegue abranger mais as várias formas de comunicação numa sociedade que os Gêneros textuais/orais, uma vez do seu caráter interacional.

O aprendizado de Língua Estrangeira prevê, obviamente, o ato de ensinar, contudo esse processo não pode conceber-se como o único responsável pela aquisição da língua estrangeira por parte dos aprendentes. A aprendizagem se torna significativa a

partir dos diversos contextos de interação, cuja necessidade de se posicionar, de interpelar, de se orientar, entre outras necessidades, promove a comunicação. Todavia, não se desconsidera a interação promovida na sala de aula, muito pelo contrário, estimula-se a existência de cursos de LE e, para além, de EPLE como forma de proporcionar tal interação. Daí a importância do investimento em formação docente para assimilação de alunos estrangeiros, no caso em voga, em um contexto de imersão na Língua Alvo.

Nos tempos atuais, é preciso congregiar saberes e experiências, que aliados a boa vontade e aos meios disponíveis se materializarão no desenvolvimento cada vez mais promissor de nossa área. Em última análise, o que almejamos é que o Português se firme como língua internacional e de cultura, e que os profissionais da área possam implementar um ensino contemporâneo e de qualidade nos contextos do Brasil e do exterior. (FILHO, 2010)

#### **4. Formação do professor de PLE**

Conforme fora exposto, o ensino de Português como Língua Estrangeira, estando em efetiva efervescência, requer a observação de aspectos muito específicos do ensino de língua. O docente deve ater-se tanto ao conhecimento da Língua enquanto idioma próprio, Língua Materna (LM), quanto ao seu viés estrangeiro. Deve-se, portanto, haver um domínio de questões inerentes à sua língua além de se entender sobre a complexidade que envolve o ensino de uma LE. A finalidade é óbvia: fazer com que o discente em processo de aquisição receba uma assistência efetiva, eficiente. Contudo, o que encontramos atualmente, é a negligência dos cursos superiores formadores de licenciados em língua. Não há, de forma geral, um projeto de inserção, no currículo de Letras, de uma disciplina que assimile o tópico PLE em suas discussões. Não queremos, com isso, pôr em esquecimento as tentativas de se fazer essa inclusão, ao contrário, objetivamos fazer com que estas experiências positivas em formação docente em PLE sejam uma regra, não uma exceção.

O relato do principal nome difusor do EPLE no Brasil, Almeida Filho (2007) confirma as questões aqui suscitadas:

Quando retornei da viagem de estudos que culminou com o meu doutorado no exterior em 1985, não havia senão vestígios esparsos e quase invisíveis da instalação do PLE nas instituições. Tendo ensinado PLE durante alguns anos fora do Brasil, percebi na volta o tamanho do potencial que se abria a profissionais dessa quase área à época. Havia algumas classes de ensino a estrangeiros, alguns materiais escassos publicados por editoras e outros domésticos para certas situações e nada mais. Não havia um lugar formal para pesquisadores em PLE nas instituições com raras exceções, não havia livros sobre o PLE para formação de professores, não havia uma associação de praticantes, não havia eventos, não havia exames de proficiência, não era praxe atender com iniciativas formadoras os mestres isolados no exterior. Em pouco mais de 25 anos, o cenário não está sanado, mas é sensivelmente melhor e prossegue promissor. Temos hoje indicadores de atividade em todas essas frentes.

A qualificação desses profissionais é de suma importância para o aperfeiçoamento do ensino de Português como Língua Estrangeira, sendo, portanto, papel das Universidades possibilitarem esse acesso, pois a questão dessa vertente de ensino, conforme dito, requer o conhecimentos de metodologias próprias de LE.

Assim, enquanto o aluno se desenvolve como comunicador na nova língua, ele evolui como sujeito consciente de sua aprendizagem ou aquisição capacitando-se para se desenvolver como aprendedor de línguas. O professor, da mesma forma, enquanto ensina se desenvolve como ensinador através do processo sistemático de autoanálise do processo por ele mesmo produzido, intercalado de observação (do próprio ensinar depois de observar outros ensinando), análises, leituras esclarecedoras, mais pensar, mais discussão, mais observações com registro da realidade, mais análises, mais leitura e assim por diante. FILHO, 2011, p. 30)

É inerente à docência a constante apropriação de elementos desenvolvedores da aprendizagem, necessitando desses, para tanto, uma maior disponibilidade em se familiarizar com as novas teorias e metodologias postas em discussão no cenário acadêmico, cuja intuição é o êxito e facilitação da prática em sala de aula. Outro fator é a adequação do que se ensina aos moldes do que os exames oficiais solicitam do aluno, assim como no Celpe-Bras, em que a abordagem comunicativa de ensino é posta à “prova”, exigindo do aprendente uma proficiência baseada não em manuais, mas solidificada na prática, em contextos reais de comunicação, quando da utilização de gêneros orais e escritos. Assim como se estima o conhecimento dessas teorias e metodologias, deve-se, também, considerar o fato da aquisição ser procedida em contexto de imersão, assimilando-se, para o ensino, a abordagem comunicativa. Nesta abordagem de Língua Estrangeira (LE), a ênfase é dada ao aprendiz, o qual deve ser responsável pelo seu próprio aprendizado/aquisição, no entanto, o enfoque formal da língua deve ser considerado e transmitido de um modo mais reflexivo, levando em consideração nível e maturidade linguística de cada aprendente. A tarefa não pressupõe a transmissão de regras e fórmulas, mas a percepção dos elementos estruturadores da língua através do próprio uso.

O estrangeiro, nesse lócus, é assimilado pela sociedade em contato, promovendo constantes trocas, desenvolvendo, por fim, um padrão diferente de aprendizagem, iniciada na prática diária e não, apenas, no restrito e curto tempo da sala de aula. Logo, o professor tem que ter todas essas considerações delimitadas quando do ensino. Aí se insere a questão prima do artigo em voga, como possibilitar a eficiente aprendizagem? A resposta é simples, possibilitando o acesso à formação específica desses profissionais, do modo como já vem sendo desenvolvido na Universidade de Brasília sob a orientação do professor Almeida Filho, bem como à luz de projetos desenvolvidos por outros professores ao redor do mundo.



## **CONSIDERAÇÕES ÚLTIMAS**

Ao refletir sobre o Português como Língua Estrangeira, faz-se intrínseca a percepção de certas peculiaridades da língua. Pensar no ensino PLE é olhar de outra maneira para a nossa própria língua, pois muitos usos que fazemos no dia a dia parecem simples para nós, mas, para o estudante estrangeiro não se apresentam da mesma maneira. Desse modo, tal proposta requer uma constante reflexão a respeito do ensino da língua em sua vertente nativa e estrangeira, suas equivalências e diferenças de aprendizado em cada contexto.

Logo, fica evidente nosso esforço em demonstrar a importância da formação adequada aos docentes em Português como Língua Estrangeira, uma vez da crescente ampliação dessa Língua no contexto nacional e internacional, bem como considerando a necessidade de o licenciado ampliar sua visão no que concerne ao ensino da sua própria Língua. Dessa forma, verdadeiramente, desfaz-se a ideia de que para ensinar PLE basta ser falante da Língua, sem que haja nenhuma formação ou competência nem para o ato de ensinar, muito menos para o ensinar uma Língua como a nossa, dotada de particularidades e peculiaridades observadas e transmitidas, apenas, quando se conhece as linhas teórico-metodológicas de ensino de PLE.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Projetos iniciais em português para falantes de outras línguas** / Maria Jandyra Cavalcanti Cunha e José Carlos Paes de Almeida Filho. – Brasília, DF: EdUnB – Editora da Universidade de Brasília; Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

\_\_\_\_\_. **O professor de língua estrangeira em formação** / José Carlos P. de Almeida filho (ORG.) 3ª. Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

\_\_\_\_\_. (org.) Parâmetros atuais para o ensino de português língua estrangeira. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. Apresentação da Revista SIPLE – Brasília, outubro de 2010. Ano 1. Número 1. **Nasce uma Nova Revista para a área de Ensino e Aquisição de Português Língua Estrangeira e Segunda.**

\_\_\_\_\_. Fundamentos de Abordagem e Formação no Ensino de PLE e de outras Línguas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio - língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEB, 2000.

BRONCKART, Jean-Paul. Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo / Jean Paul Bronckart; trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999

\_\_\_\_\_. Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano. São DOLZ, Joaquim & SCHNEUWLY, Bernard, NOVERRAZ, Michèle. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: Gêneros orais e escritos na escola / Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de letras, 2004.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti & SANTOS, Percília. **Tópicos em português língua estrangeira**. 1ª. edição. Editora UnB, 2002.

LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques aand principles in laguage teaching**. New York OUP, 1986.

### Sites de pesquisa:

[http://download.inep.gov.br/outras\\_acoes/celpe\\_bras/manual/2012/manual\\_examinando\\_celpebras.pdf](http://download.inep.gov.br/outras_acoes/celpe_bras/manual/2012/manual_examinando_celpebras.pdf)

<http://www.helb.org.br/>

## ANEXOS 1, 2, 3 e 4 respectivamente

**Celpe Bras** 2012/1

Interação Face a Face

Elemento Provocador 9

**INEP** Instituto Nacional de Educação de Profissionais

# VIVER MELHOR

MAIS MELHOR

POR FERNANDO TORRES

## Sol sem culpa

Do culto ao bronze à era do filtro, o sol passou de mocinho a vilão. Algumas pessoas têm plânico de luz solar, com medo do envelhecimento precoce e do câncer de pele", observa a dermatologista Ana Cláudia de Brito Soares. A ameaça é real, mas você não precisa fugir do sol. "Na medida certa, ele traz muitos benefícios. Equilíbrio é a palavra-chave", contraria a médica. Com a breve chegada do verão, aproveite as vantagens ensolaradas. Confira:

**ANTIDEPRESSÃO**

- As radiações solares ajudam na liberação de endorfina e serotonina, neurotransmissores responsáveis pela sensação de prazer e bem-estar. Além de prevenir a depressão, o bom humor está sempre à tona.

**AJUDA A EMAGRECER**

- Isso mesmo! A dose extra de serotonina inibe a compulsão e aumenta a saciedade. Resultado: você come menos. Só não vale dizer que filtro solar emagrece...

**VITAMINA D**

- Todo mundo já ouviu horrores sobre os raios ultravioleta B (UVB). Tudo verdade. Mas eles também são responsáveis pela síntese da vitamina D na pele, a vedete da vez.

**TOQUE SOL**

- Quanto tempo:** Cerca de 10 a 15 minutos diários para os claros, 20 para os morenos e 30 para os negros.
- Quando:** Entre as 12h e 15h, a incidência de UVB é maior. "Se o paciente não tem histórico de câncer de pele ou lúpus, esse horário é mais indicado para a síntese da vitamina D", afirma Ana Cláudia.
- Como:** Sempre com filtro solar no rosto, com proteção mínima de 30 FPS.

78

VIVER Novembro 4 - 2012

**Celpe Bras** 2012/1

Roteiro de Interação Face a Face

Elemento Provocador 9

Sol sem culpa

O material servirá como elemento provocador da interação face a face entre o aplicador e o examinando. O objetivo da tarefa é avaliar compreensão e produção oral, não havendo apenas uma resposta correta.

**Etapa 1**

O aplicador diz ao examinando:

*Por favor, leia este texto e observe a imagem. (O examinando faz isso silenciosamente)*

**Etapa 2**

Após aproximadamente um minuto, o aplicador pergunta ao examinando:

*O que você entende por sol sem culpa?*

**Etapa 3**

Para dar ao examinando oportunidade de prosseguir com sua produção oral, o aplicador pergunta como:

1. Por que é importante tomar sol?
2. O texto diz que o sol traz vários benefícios, inclusive emagrece. O que você pensa sobre isso?
3. Você gosta de tomar sol? O que você faz para se proteger?
4. No seu país, é comum as pessoas quererem ficar bronzeadas? Fale sobre isso.
5. Quais as maneiras mais saudáveis para se proteger do sol na medida certa?
6. Que malefícios a exposição demasiada ao sol pode acarretar?

**Celpe Bras** 2012/1

CERTIFICADO DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTRANGEIROS

Parte Escrita Caderno de Questões

**INEP** Instituto Nacional de Educação de Profissionais

BRASIL

**Celpe Bras** 2012/1

Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros

Parte Escrita | INSTRUÇÕES

Página 1

**1. Tempo**

A Parte Escrita do exame tem a duração de 3 horas, assim distribuídas:  
**Tarefa 1 (vídeo): 30 minutos**, incluída a exibição do vídeo;  
**Tarefas 2 (áudio), 3 e 4 (textos escritos): 2 horas e 30 minutos**, incluídas a audição do CD e a leitura dos textos.

Se o candidato não terminar a Tarefa 1 no tempo indicado, poderá voltar a ela no decorrer da Parte Escrita.

**2. Material**

A Parte Escrita compõe-se de um Caderno de Questões, contendo os enunciados das tarefas e uma folha de rascunho para cada uma, e de um Caderno de Respostas. Verifique se eles estão completos. Ao concluir a Parte Escrita, os dois cadernos devem ser devolvidos aos aplicadores.

**3. Identificação**

Você deverá conferir seus dados e assinar na capa do Caderno de Respostas. As demais páginas **NÃO** podem conter nome ou assinatura do candidato.

**4. Instrumentos de escrita**

As respostas devem ser escritas à caneta. Rasuras são aceitas, desde que não dificultem a leitura do texto. As respostas que apresentarem uso de corretivo ou que tiverem sido feitas à lápis serão **ANULADAS**.

**5. Legibilidade das respostas**

As respostas devem ser escritas com letra legível.

**6. Espaço para as respostas**

As respostas deverão limitar-se aos respectivos espaços reservados no Caderno de Respostas. Tarefas respondidas no Caderno de Questões ou em folhas trocadas do Caderno de Respostas **NÃO** serão corrigidas, resultando na invalidação das respectivas tarefas.

**7. Rascunhos**

O rascunho deverá ser feito nas páginas 3-5-7-9 do Caderno de Questões.

Anexo 5, 6, 7 e 8

**Celpe Bras** 2012/1  
Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros  
Tarefa 1 | Pescando Letras  
Página 2

Pescando Letras. Disponível em: <http://centrallidemia.mec.gov.br>. Acesso em: 23 fev 2011

Você vai assistir duas vezes a uma reportagem sobre Pescando Letras, podendo fazer anotações enquanto assiste.

Você trabalha no Ministério da Educação e é o responsável pela implantação do programa Pescando Letras. Com base nas informações do vídeo, escreva um texto para os prefeitos das 853 cidades selecionadas, com o objetivo de incentivar a implementação do programa. Explícite os critérios de seleção das cidades e forneça informações sobre o curso e o período em que ele é realizado.

**Anotações**

**Celpe Bras** 2012/1  
Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros  
Tarefa 2 | Ecomoda  
Página 4

Ecomoda. Rádio Metrôpol. Salvador, BA.

Você vai ouvir duas vezes uma matéria sobre Ecomoda, podendo fazer anotações enquanto ouve.

Você foi contratado para fazer o material de divulgação de um estande de ecomoda participante de uma importante semana de moda brasileira. Com base nas informações do áudio, escreva um texto informativo para compor o catálogo do evento, apresentando a ideia da ecomoda e salientando as vantagens de se investir em roupas e acessórios ecologicamente sustentáveis.

**Anotações**

**Celpe Bras** 2012/1  
Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros  
Tarefa 3 | Faxina no Céu  
Página 6

Preocupado com a situação do lixo abandonado na órbita da Terra, você decidiu escrever para o Greenpeace, solicitando que a instituição inclua essa discussão em sua agenda de reivindicações. No seu texto, você deverá apresentar a origem do problema e seus possíveis desdobramentos, bem como sugerir algumas soluções.

**Faxina no céu**

O espaço está cheio de veículos deixados sem cuidado adequado, que desorbitam e representam riscos para a segurança terrestre. Como resultado, em cada ano milhares de toneladas de lixo são despejadas no planeta.

**OUTROS CENÁRIOS DA NASA** prevêem que, se não forem tomadas medidas urgentes para evitar a contaminação do planeta, a Terra poderá se tornar inabitável em poucos anos. Alguns cientistas acreditam que, se não forem tomadas medidas urgentes, a Terra poderá se tornar inabitável em poucos anos. Alguns cientistas acreditam que, se não forem tomadas medidas urgentes, a Terra poderá se tornar inabitável em poucos anos.

Após a separação de todo o lixo espacial, os cientistas acreditam que a Terra poderá se tornar inabitável em poucos anos. Alguns cientistas acreditam que, se não forem tomadas medidas urgentes, a Terra poderá se tornar inabitável em poucos anos.

National Geographic, jul. 2010.

**Celpe Bras** 2012/1  
Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros  
Tarefa 4 | Anúncio no samba-enredo e salve o Carnaval  
Página 8

Você é o gerente financeiro de uma escola de samba do Rio de Janeiro. Com base em informações do texto "Anúncio no samba-enredo e salve o Carnaval", redija uma carta a empresas brasileiras ou estrangeiras, solicitando patrocínio para sua escola. Explícite as vantagens que o patrocínio poderá trazer para a empresa, relacionando-as ao valor cultural e social do investimento no Carnaval.

**POLÊMICA**  
**Anúncio no samba-enredo e salve o Carnaval**  
Incluir publicidade no samba é o jeito que as escolas encontram para fugir do financiamento legal. E de manter o espetáculo vivo por muitos Carnavais.

**Disputar**  
O título de Campeã do Carnaval carioca é um investimento e tanto. Em dezembro, mais de R\$ 3 milhões. Em janeiro, mais de 3 mil. E, mais ainda, os Carnavais, a começar a preparação para o ano. Quem banca tudo? Para começar, o Bole-Cárter, que paga milhões para a liga das escolas de samba pelo direito de transmitir os desfiles ao vivo para mais de 100 países. Há também uma verba repassada às escolas pela prefeitura do Rio, pelo estado do Rio e pelo governo federal, além da bilheteria nos 4 dias de desfile de 2010; as escolas de samba do Grupo Especial conseguiram arrecadar R\$ 42 milhões com os ingressos. Tudo isso é dividido entre as 12 escolas do grupo.

Mesmo assim falta dinheiro. É aí que entra o marketing. Ou, como chamam, o "Carnaval corporativo". Em 2009, a escola de samba Salgueiro foi o primeiro a ser patrocinada por uma marca privada. A ideia era falar da história da criação, do sonho de voar, desde 1898 até hoje. Vivia o círculo azul de um Samba, ajudado com o Salgueiro, o Orquídea de Ser Brás. Não era esse o tema do marketing da TAM? Sim, era. O Carnaval da escola, patrocinado pela companhia aérea, teve um resultado surpreendente: o Salgueiro ficou em 1º lugar. Em 2010, a Portela também adotou a ideia. Levou à passarela um Carnaval que mostrava como a inclusão social passa pela inclusão digital. A Polêmica Informática foi a empresa que investiu na escola.

Não se trata de vender o samba, o rim de vitalidade há mais de 20 anos. Naquela época, o espetáculo era quase 100% pago com recursos "não declarados". O dinheiro vem da estrutura do Rio. Mas dependem muito da estrutura do Rio. Mas dependem muito da estrutura do Rio. Mas dependem muito da estrutura do Rio.

**"Há 20 anos o Carnaval era quase 100% pago com recursos não declarados". De lá para cá, o espetáculo se profissionalizou. Sem patrocínio, corremos o risco de voltar ao dinheiro de fonte duvidosa.**"

**SUPERNOVAS** FEVEREIRO 2011 SUPER 29